

ANÁLISES DE NOTAS E DEMAIS CONTEXTOS NAS TRADUÇÕES E DISSEMINAÇÕES DA ESCRITA *EM PORTUGUÊS* DE JACQUES DERRIDA ENTRE 1968 E 1986¹

Júlio César GONÇALVES

RESUMO: Esta dissertação é uma pesquisa sobre a tradução de Jacques Derrida, em língua portuguesa, ocorrida de 1968 a 1986, com o objetivo de analisar e estimular as manifestações dos tradutores, através de notas e outros contextos, diante do *double bind* da tradução e da desconstrução que ocorrem nas disseminações próprias ao trabalho de tradução. Na dissertação também é abordado como historicamente a influência da desconstrução ocorreu no Brasil, quais foram os primeiros lugares e as principais instituições formais de sua incidência como um instrumento de leitura crítica no pensamento brasileiro. O propósito básico deste trabalho é apresentar uma coleta de dados que contribua para discussões sobre tradução, desconstrução e as possibilidades marginais de manifestação do tradutor.

ABSTRACT: This dissertation is a research about the translation of Jacques Derrida, in Portuguese language, occurred from 1968 to 1986, aiming to analyze and to stimulate the translators' manifestations, through notes and other contexts, before the *double bind* of translation and of deconstruction which occurs on disseminations peculiar to the work of translation. In the dissertation it is also approached how historically the influence of deconstruction happened in Brazil, what were the former places and the mainly formal institutions of its incidence as an instrument of critical reading in Brazilian thought. The basic purpose of this work is to present a data collecting which contribute to discussions about translation, deconstruction and the marginal possibilities of translator's manifestation.

Todos estes textos, que são sem dúvida o prefácio interminável a um outro texto que eu gostaria de ter a força para escrever um dia, ou ainda a epígrafe de um outro para o qual eu nunca teria tido a audácia [de escrever].
Jacques Derrida, Positions.²

Esta dissertação procurou registrar todas as manifestações dos tradutores diante de suas im-possibilidades³ de tradução da obra de Jacques Derrida, do francês para o português, brasileiro ou europeu, no período de 1968 a 1986. A tese que defendemos é a de que uma coleta das manifestações desses tradutores poderia gerar um arquivo que ajudasse em traduções futuras, tanto e principalmente da escrita de Jacques Derrida, em língua portuguesa, como também em traduções em geral. Principalmente, quando o tradutor se deparasse com uma dificuldade de tradução, daquelas marcadas pelo *double bind* e pela desconstrução.

¹ Resumo de dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada – Tradução – defendida em 20 de outubro de 2006, sob orientação do prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

² Tradução de Lucy Magalhães, feita na orelha do livro “A Voz e o Fenômeno” (1994), com um acréscimo nosso (em colchetes).

³ Tanto ao longo da dissertação como aqui neste resumo, em alguns momentos, acabamos utilizando recursos usados por tradutores e teóricos da tradução no trato com a tradução e a desconstrução, como esse de hífenar para destacar a disseminação de significados potenciais que cada termo promove dentro de certo contexto.

Consideramos ter obtido alguns resultados já nos primeiros passos da pesquisa, ao apurar algumas datas de publicações não informadas nas obras. A própria delimitação de nosso trabalho foi estipulada a partir da primeira tradução em língua portuguesa da obra de Jacques Derrida, com o texto *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, com tradução de Antônio Ramos Rosa e publicado no livro “Estruturalismo – antologia de textos teóricos”. Sua primeira edição deu-se em 1968, pela Portugália Editora, segundo dados da Biblioteca Nacional de Portugal. Este mesmo livro fôra publicado no Brasil pela editora Martins Fontes, também sem data. Em entrevista com o responsável pela editora conseguimos a informação de que a edição brasileira teria sido publicada provavelmente no início dos anos 1980.

Outros dois dados editoriais que concluíram nossa delimitação foram, na tradução de “Margens da Filosofia”, a não colocação da data de sua publicação, assim como a ausência do texto *O Poço e a Pirâmide*, constante no livro em francês “Marges de la philosophie”. A Editora Rés nos informou que a data de publicação (1986) e confirmou que o texto estava faltoso porque já constara em outra obra publicada pela mesma editora (“Hegel e o Pensamento Moderno”, 1979). A ligação do texto publicado em 1979 e a sua ausência na obra “Margens da Filosofia” serviu para que pudéssemos delimitar 1986 como o fim do período de abordagem da dissertação.

Assim, as duas correções de “gafes” editoriais de omissão de data marcaram, coincidentemente, o início (1968) e o fim (1986) de nosso período de estudo.

Contudo, avançamos para além de 1986, mas, timidamente, a fim de somente registrar publicações posteriores ao período que fossem reedições ou que estivessem ligadas às traduções tratadas no período delimitado.

Procuramos, no segundo capítulo, elencar em recortes históricos do pensamento brasileiro de entre 1968 a 1986, pontos em que se convergissem possíveis influências do pensamento derridiano e da desconstrução no Brasil. Esta pesquisa, no entanto, ficou mais restrita ao eixo Rio-São Paulo, devido à acessibilidade maior de informações e, conseqüentemente, em detrimento de todos os outros possíveis focos por todo o Brasil.

Esse nosso arquivo, sempre ligeiro nas abordagens, buscou extratos do pensamento brasileiro a partir do Positivismo de Augusto Comte, passando pelos pré-modernistas da década de 10 do século XX e que culminaram na Semana de Arte Moderna. Lembramos a criação do Partido Comunista Brasileiro, o Tenentismo e a Revolução de 1930, destacando também o Movimento Antropofágico, evento de grande importância nas reflexões futuras já no início das idéias desconstrutivas no Brasil. Procuramos apontar também algumas obras que têm sido consideradas de fundador sentido de reflexão sobre a História do Brasil. Destacamos a criação da USP (1934) e sua cátedra de filosofia, de influência francesa, além da presença de professores como Roger Bastide, Gilles-Gaston Granger, Jean Maugué e Lévi-Strauss.

Procuramos passar pelos “consórcios de crítica de cultura”, criações tornadas possíveis devido à característica ausência de integração da universidade brasileira até à década de 1960, segundo Marcos Nobre (pp. 138-140). Entre eles se destaca o Seminário Marx, que buscou ler e aplicar Marx (principalmente “O Capital”) no contexto brasileiro.

Tentamos, pelos caminhos da USP, seguir algumas trajetórias dos professores formados pelas gerações de mestres franceses de outrora. Relatamos alguns percursos

desses jovens professores, que, por exemplo, trabalharam na então recém criada Unicamp, e, nela, contribuíram para a criação do CLE – Centro de Lógica e Epistemologia.

Lembramos também os períodos de repressão política e intelectual brasileira, com a imposição dos Atos Institucionais que tolheram muitos professores de exercer sua função, extraditando-os ou os aposentando à força. Alguns desses professores (caso de José Arthur Giannotti) passaram a trabalhar em universidades particulares, em especial as PUCS, que deram todo o apoio contra a ditadura.

Tendo corrido os olhos por esse painel, começamos a minuciar a possibilidade de influências do pensamento derridiano no Brasil. Partimos de fato da primeira tradução de Derrida em língua portuguesa, do texto *A Estrutura, o jogo e o signo no discurso das ciências humanas*. Neste texto, não é o Brasil que busca Derrida, mas, de forma inversa, embora indiretamente, Derrida é que volta seus olhos para este país tropical, ao discutir a posição de Claude Lévi-Strauss em sua análise dos índios Bororo, quando morou no Brasil a convite da USP. Este texto talvez tenha sido, no mundo, um dos primeiros momentos em que o estruturalismo.

Revemos ainda alguns posicionamentos de teóricos a respeito desse período.

Olgária Matos⁴ diz que “tratar da presença, da influência decisiva da filosofia francesa no Brasil, é referir-se a Deleuze, Derrida, Foucault, Lyotard, Althusser, entre outros” (p. 195). A autora considera a cultura filosófica contemporânea como essencialmente universitária, com uma herança francesa que se apresenta em pelo menos dois momentos: um estruturalista, “na tradição mais antiga de Guérault e Goldschmidt” (p. 196) e outro em que a Universidade passa por uma conjuntura intelectual que começa a sentir “o impacto e a influência de pensadores como Deleuze, Lyotard, Derrida e Foucault” (p. 200).

Leyla Perrone-Moisés⁵ comentou a passagem do estruturalismo para o pós-estruturalismo no Brasil, salientando que o primeiro, embora tivesse passado, deixou grande contribuição às ciências humanas, “que incorporaram posteriormente seu rigor analítico e boa parte de sua terminologia, principalmente no que se refere à análise da narrativa, literária e histórica” (nota de rodapé pp. 215-217).

Para a autora, o grande marco de divisão entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo foi o colóquio ocorrido em outubro de 1966, na Universidade Johns Hopkins, “com a presença das principais estrelas do estruturalismo francês”, denominado Colóquio Internacional sobre Linguagens Críticas e Ciências do Homem. A comunicação apresentada por Derrida (*A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*) foi de enorme repercussão, porque “representava uma auto-crítica do estruturalismo francês.” No final dos anos de 1970, então, os principais teóricos franceses já dividiam seu tempo e seu ensino entre a França e os EUA (pp. 217-218).

A autora lembra que Derrida tem sua maior repercussão hoje nos Estados Unidos, e, como ironia, aponta o fato de que o Brasil, que antes se nutria dos ideais franceses,

⁴ *A Filosofia francesa no Brasil: a pragmática da leitura humanista*, in: “Do Positivismo à desconstrução – Idéias francesas na América”, pp 195-211. Leyla Perrone-Moisés org. Edusp, 2004.

⁵ *Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas*, in: “Do Positivismo à Desconstrução – Idéias Francesas na América”, pp. 213-236

hoje busca nos Estados Unidos o que os Estados Unidos buscaram da França, por Derrida.

O primeiro autor brasileiro que averiguamos ter usado o pensamento desconstrutivo de Derrida para suas análises foi Silviano Santiago. As três primeiras publicações de que tivemos notícia ocorreram na revista Tempo Brasileiro. O primeiro texto *O entre-lugar do destino latino-americano*, fala de colonialismo e suas influências na cultura latino-americana. Os textos de Derrida, em especial Gramatologia, são usados como embasamento teórico. Como encerramento deste texto, Santiago destaca, em apropriação ao Movimento Antropofágico e citando Jorge Luís Borges, que o latino-americano faz instaurar a literatura latino-americana pela sua apropriação do estrangeiro, como um devorador de livros e culturas.

Os outros dois textos, *Desconstrução e Descentramento e Análise e Interpretação*, podem ser considerados como textos de apresentação da literatura derridiana no Brasil. Este último texto, que foi utilizado como apostila na PUC/RJ, pode também ser um elo de ligação entre Santiago e outro grande nome nos primórdios da desconstrução no Brasil, que foi o professor e tradutor (até por questões de adaptação, na época da ditadura) Luiz Costa Lima. Este fazia parte de um grupo de jovens iconoclastas da PUC/RJ, além de outro grupo existente na Faculdade de Letras, coordenado por Antonio Cândido e intitulado “literatura e sociedade”.

Santiago foi ainda o organizador do livro “Glossário de Derrida”, elaborado por ele e seus alunos. Esse livro teve grande repercussão, pois foi um dos primeiros escritos sobre Derrida em todo o mundo. No Brasil, ele serve para comprovar a presença do pensamento derridiano na universidade, uma vez que foi escrito para atender necessidades acadêmicas.

Entre os elaboradores do livro, pudemos contatar Anamaria Skinner, que gentilmente nos cedeu um texto seu antes mesmo de ser publicado⁶, esclarecedor em muitos pontos. Em seu texto, Skinner conta que em 1971 dissera pessoalmente a Derrida, na Universidade Johns Hopkins, que “seus escritos continham uma práxis política que [Derrida] desconhecia” (p. 99). Por esse caminho pudemos concluir que o texto derridiano contribuiu para que se questionasse o neocolonialismo (norte-americano) pelo viés colonial (europeu). O pensamento descentrado foi então uma das formas mais eficazes de rerepresentar a questão da democracia em tempos ditatoriais. A questão da diferença também foi um modo de recolocar a periferia na vanguarda, a despeito do neoliberalismo vigente.

Buscamos também entrevistar os tradutores do período delimitado, a fim de coletar mais informações sobre o período e sobre particularidades de suas publicações.

A forma de contato que buscamos foi sempre pela internet, através de sites de universidades, de editoras, de buscas e de o que mais esse recurso nos possibilitou. Infelizmente, não foi possível contato com todos os envolvidos pela forma proposta.

⁶ *No Rastro das desconstruções inaugurais*, in “Desconstruções e Contextos Nacionais”, pp. 93-101, org. Alcides Cardoso dos Santos, Fábio Akcelrud Durão e Maria das Graças G. Villa da Silva.

A tentativa de manter uma única linha de conduta e abordagem, de certa forma, nos impediu de proceder a um aprofundamento pertinente nas questões⁷. Nossa decisão, contudo, ocorreu com base em vários aspectos, entre eles, por questões de economia.

Optamos por entrevistas semi-estruturadas, por entender que as mesmas, ao mesmo tempo em que dessem liberdade aos entrevistados, estariam ligadas entre si por uma seleção de interesses nossos.

Cada tradutor ou tradutora teve as seguintes perguntas, de um modo geral:

- a) Há algum fato ou data, relativo à sua tradução ou à discussão sobre desconstrução, de que V.Sa. se lembre, durante o período de 1968 – 1986, a respeito do qual queira se manifestar?
- b) Quais atividades V.Sa. vinha realizando no período em destaque?
- c) Por fim, as perguntas se referiram a particularidades inerentes a cada tradução.

Não conseguimos contato com os seguintes tradutores: Antônio Ramos Rosa, Eduardo Prado Coelho, Maria Eduarda Reis Colares (co-tradutora em “Estruturalismo – antologia de textos teóricos), Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Miriam Schnaiderman, Maria Margarida Correia Calvente Barahona, Carlos Alverto Vogt, Clarice Sabóia Madureira, Rui Magalhães e Joaquim Torres Costa.

O longo tempo decorrido desde as publicações das traduções foi um agravante negativo para que os entrevistados pudessem contribuir melhor, pois muito pouco se lembravam do período.

Renato Janine Ribeiro, em sua entrevista, relatou alguns momentos em que a tradução foi alterada pelos editores, sem consulta aos tradutores e ainda sem providenciar as devidas modificações.

Luiz Costa Lima relatou ter sido um dos afetados pelos atos institucionais, afastando-se das atividades docentes e tendo que exercer atividades de revisor e de colaborador em editoras, além de ser, mais esparsamente, tradutor.

Antônio M. Magalhães disse não ser, no momento, tradutor, estando ocupado com atividades acadêmicas sem abandonar abordagens desconstrutivas. A respeito da omissão do texto *O Poço e a Pirâmide*, relatou que, tanto ele quanto o outro tradutor Joaquim Torres Costa, na época, questionaram a editora, que lhes respondeu ter este texto publicado em outra coletânea, por outro tradutor.

A partir do capítulo III passamos a analisar as traduções e as manifestações dos tradutores diante das dificuldades de tradução encontradas. Procuramos analisar somente as dificuldades apontadas pelos próprios tradutores, sendo que, vez ou outra, fizemos comparação de tradução.

1. AS TRADUÇÕES DO PERÍODO

A primeira tradução que analisamos foram as três versões do texto *A Estrutura, o Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*. Fizemos então uma leitura

⁷ Sugerimos um trabalho mais amplo de pesquisa e entrevistas, envolvendo novos parâmetros, que provavelmente necessite do apoio de alguma agência de fomento à pesquisa.

comparativa dos cinco textos existentes: o texto em francês, publicado em 1967, o texto em inglês, oriundo de colóquio apresentado na Universidade Johns Hopkins, em 1966, a tradução em Portugal, em 1968, a tradução no livro “A Escritura e a Diferença”, em 1971, e, finalmente, a tradução do texto em inglês, em 1976. Fizemos um levantamento das variações ocorridas quanto aos termos já consagrados como “problemáticos” quanto a suas traduções, em cada obra. A ausência de manifestação de qualquer um dos tradutores procurados, contudo, nos impediu de discorrer de forma mais apropriada quanto a suas opções. Alguns destes termos foram: *jogo*, *evento* e *acontecimento*.

A seguir analisamos o livro “A Escritura e a Diferença”, que teve alguns problemas editoriais, depois assumidos pela Editora Perspectiva, que se comprometeu a saná-los na próxima oportunidade. Foi a ausência de três textos constantes no livro em francês “L’Écriture et la Différence”: capítulo 2 – “*Cogito et histoire de la folie*”; capítulo 4 – “*Violence et métaphysique – Essai sur la pensée d’Emmanuel Levinas*” e capítulo 9 – “*De l’économie restreinte à l’économie générale – Un hegelianisme sans réserve*”).

Apontamos a mudança na ordem dos textos em Português e procuramos buscar uma defesa para isso nos firmando em palavras do próprio Derrida, quando, em entrevista a Henri Ronse, em 1967 (*Implicações*, publicada em “Posições”, trad. 1975, pp 11-23), afirma que um livro sempre se dirige a outro. Inclusive, Derrida questiona a própria ordem em que publicara seus livros, considerando “*De la grammatologie* como um longo ensaio articulado em duas partes (cujas soldadura é teórica, sistemática e não empírica), *no meio* do qual podemos inserir *L’écriture et la différence*”, ou ainda “inserir *De la grammatologie no meio* de *L’écriture et la différence*” (idem, p.11-12); indica também que *La voix et le phénomène*, assim como sua introdução à *L’origine de la géométrie*, de Husserl, ligam-se a *De la grammatologie* e à *L’écriture et la différence*. Sua obra se desloca em textos, e “todos estes textos (...) são indubitavelmente o prefácio interminável a outro texto que (...) gostaria de ter um dia a força de escrever, ou ainda a epígrafe a um outro de que (...) nunca teria tido a audácia” (idem, p. 13). A ordem proposta pela tradução, contudo, era outra, o que nos moveu a entender que se tratava de uma questão de leitura. Contudo, não pudemos precisar de quem teria sido esta leitura (se da tradutora ou da editora).

Todas as outras traduções do período foram analisadas, principalmente de forma marginal, isto é, pelas notas e comentários dos tradutores, sem se aprofundar nos textos traduzidos e nas escolhas ou nas possibilidades de tradução, mas sim em ouvir e coletar a voz de cada tradutor, a fim de incentivar um acervo de tradutores que pudesse ser útil para discussões e posturas. Mesmo nossos comentários visaram precipuamente este objetivo.

Alguns temas importantes para a discussão de tradução e desconstrução foram abordados. Sem qualquer intenção ou possibilidade de esgotá-los, procuramos principalmente descrevê-los e expor elementos para pesquisas mais aprofundadas, como por exemplo com o termo “*différence/différance*”.

Tudo foi feito com a intenção de preparar materiais e facilitar a abertura de discussões em torno de uma tradução melhor aparelhada para trabalhar, com criatividade e liberdade de expressão, em nome de uma fidelidade possível.

Todas as notas dos tradutores foram coletadas e inseridas em anexo (Anexo II), neste momento sem qualquer intervenção nossa.

A esse “arquivo almejado” fizemos um levantamento dos grupos e instituições ligados às desconstruções e à leitura de Derrida. Estes grupos de pesquisa têm objetivos e abordagens diferentes, mas em comum têm a desconstrução como forma de reflexão.

Há o projeto "Desconstruções da Cultura", da Universidade Federal de Juiz de Fora, coordenado pelo prof. Evando Nascimento, o Grupo "Traduzir Derrida", ligado à Unicamp e sob a coordenação do prof. Paulo Roberto Ottoni⁸, o GRECC – Grupo de Estudos em Crítica Contemporânea, ligado à UNESP campi de Araraquara e São José do Rio Preto, sob coordenação do prof. Alcides Cardoso dos Santos, e o NEED – Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução, ligado à PUC/RJ e sob coordenação do prof. Paulo César Duque-Estrada.

Juntamente com o trabalho desses grupos, além de outras pessoas e entidades envolvidas, pudemos lembrar da importância das três visitas que Jacques Derrida fez ao Brasil sendo que a última ocorreu em agosto de 2004, derradeira viagem dele também ao exterior⁹.

2. O QUE SE POSTERGA EM PROMESSA

Consideramos que todo o trabalho e principal contribuição desta dissertação é de fato o esclarecimento e organização de dados para retomadas posteriores. Decidimos então colocar como último capítulo a idéia deste título acima, para assim, como encerramento, apresentar o que se disseminou até rumos muito maiores do que os limites desta dissertação. Deixamos aquilo que já se fez, como feito, mas sempre inacabado, e enumeramos o que ainda se pode vir a executar, para que sirvam também como elementos de um constante aprimoramento.

Poderíamos citar como tarefas postergadas, por exemplo: uma análise mais aprofundada das viagens de Derrida ao Brasil; nova tentativa de entrevistas com os tradutores da época, e de a partir de 1986 até a presente data; entrevistas com os autores do Glossário de Derrida; pesquisas mais aprofundadas pelas universidades do Brasil, em busca de maiores dados; promover entrevistas com todos os envolvidos na questão da desconstrução em que não foi possível dentro de nosso exíguo prazo.

Assim, este fim de pesquisa pode servir como um início de trabalho, de nova pesquisa e de abertura de discussões em prol da tradução e da desconstrução no Brasil.

⁸ Uma nota de luto em reconhecimento pelo amigo e profissional, falecido em 09 de fevereiro do corrente. Fica um vazio até sempre, mas, ao mesmo tempo uma lembrança de sua constante garra e trabalho desconstrói qualquer síncope. Impossível não deixarmos de referir ao fato de que a coincidência do tempo de cada um tenha guardado para Paulo Ottoni um outro plano na continuação da amizade que tinha com Jacques Derrida. Nosso plano, aqui, será o de estender a Ottoni a mesma homenagem feita a Derrida pelo Grupo Traduzir Derrida (<http://www.unicamp.br/iel/traduzirderrida/homenagem.htm>), porque isso era uma promessa de luta, e não de luto.

⁹ Logo após esta viagem, em 9 de outubro de 2004, Derrida veio a falecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1981). *Dicionário de Questões Vernáculas*. São Paulo: Caminho Suave.
- ARANTES, Paulo Eduardo (1988). *O Positivismo no Brasil, uma apresentação do problema para um leitor europeu*. *Novos Estudos*, 21. Cebrap, São Paulo, julho, pp. 185-194.
- _____. (1994). *Um Departamento francês de ultramar – Estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BEIDEIR, Liba. “A Disseminação do texto literário”. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, janeiro – março, pp. 23-27.
- BOSI, Alfredo (1996). “O tempo e os tempos”. In: Novaes, Adauto (org.), *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2004). “O Positivismo no Brasil: Uma Ideologia de Longa Duração”. In: Perrone-Moisés, Leyla (org.), *Do Positivismo à Desconstrução – Idéias Francesas na América*. São Paulo: Edusp.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros de (s./d.). “Tempo Brasileiro e Novos Estudos nos anos 80”. Versão eletrônica disponível em: http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim_de_Pesquisa/texto_mlucia.htm.
- CAMPOS, Haroldo de (1970). “Da tradução como criação e como crítica”. In: *Metalinguagem*. Petrópolis: Ed. Vozes, pp. 21-38.
- _____. (1992). “O Tempo e os Tempos”. In: Novaes, Adauto (org.), *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARDOSO, Fernando Henrique (1993). “Livros que inventaram o Brasil”. In: *Novos Estudos*, 37, Cebrap, São Paulo, novembro, pp. 21-35.
- CORREIA, Roberto Alvim (1972). *Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês*. Ministério da Educação e Cultura – Fename, Maria da Graça, GB.
- DERRIDA, Jacques (1967a). *De la grammatologie*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (1967b). *L'Écriture et la différence*. Paris: Éditions Du Seuil.
- _____. (1968). “Sémiologie et grammatologie”. In: *Recherches sémiotiques. Information sur les sciences sociales*, pp. 11-27.
- _____. (1970). “Le Puits et la pyramide”. In: Hippolite, Jean (org.), *Hegel et la pensée moderne*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____. (1971a). *A Escritura e a Diferença*. Tradução Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____. (1971b). “Sémiologie et grammatologie”. In: *Essays in Semiotics – Essais de sémiotique*. Mouton & Co.
- _____. (1972a). *Marges de la philosophie*. Collection Critique. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____. (1972b). *Positions. Entretien avec Henri Ronse, Julia Kristeva, Jean-Louis Houdebine, Guy Scarpetta*. Collection Critique. Paris: Éditions de Minuit.
- _____. (1973). *Grammatologia*. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Editora Perspectiva e Edusp.
- _____. (1975). *Posições*. Tradução de Maria Margarida Correia Cavalcante Barahona. Coleção: O Discurso Social. Lisboa: Plátano Editora.
- _____. (1976). “Semiologia e Gramatologia”. In: Kristeva, J. (org.), *Ensaio de Semiologia I*. Tradução de Luiz Costa Lima. Revisão de Márcio Tavares D’Amaral. Rio de Janeiro: Editora Eldorado.
- _____. (1979). “O Poço e a Pirâmide”. Tradução de Rui Magalhães. In: *Hegel e o Pensamento Moderno*. Porto: Rés Editora, pp. 39-107.
- _____. (1986). *Margens da Filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Porto: Rés Editora.
- _____. (1990). *Do Espírito: Heidegger e a questão*. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus Editora.
- _____. (1991a). *Limited Inc*. Tradução Constança Marcondes César. Campinas: Papirus Editora.

- _____. (1991b). *Margens da Filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e António M. Magalhães. Revisão Técnica Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus Editora.
- _____. (1994). *A Voz e o fenômeno*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1997). *Writing and Difference*. Tradução de Alan Bass. Londres: Routledge & Kegan Paul Ltd.
- _____. (1999). “O que é uma tradução ‘relevante?’”. Tradução de Olívia Niemeyer Santos. Conferência proferida no Encontro de Tradutores em Arles – França – em 15 de novembro de 1998. In: *ALFA – Revista de Lingüística*, UNESP, número 44 – *Tradução, desconstrução e pós-modernidade*, São Paulo – Brasil, 2000, pp. 13-44.
- _____. (2001a). “Cogito e História da Loucura”. In: Ferraz, M. C. F. (org.), *Três Tempos sobre a História da Loucura*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, pp. 8-65.
- _____. (2001b). “Fazer justiça a Freud – A história da loucura na era da psicanálise”. Tradução de Maria Inês Duque Estrada. In: Ferraz, M. C. F. (org.), *Três Tempos sobre a História da Loucura*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, pp. 90-149.
- _____. (2001c). *Mal de Arquivo – uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumairá.
- _____. (2005). “O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?”. Tradução de Evando Nascimento. In: *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- FAWCETT, Peter (1997). *Translation and Language. – Linguistic Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- FERNANDES, Florestan (1995). “Florestan Fernandes, História e Histórias – Depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 42, julho, pp. 3-31.
- FOUCAULT, M. (1961). *Folie et Déraison. Histoire de la Folie à l’âge classique*. Paris: Pron.
- _____. (1972). *Folie et Déraison. Histoire de la Folie à l’âge Classique*. Paris: Gallimard.
- GOUGENHEIM, Georges (1978). *Dictionnaire fondamental de la langue française*. Paris: Librairie Marcel Didier.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de (1986). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição.
- _____. (1976). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 11ª edição.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
- MACKSEY, Richard; DONATO, Eugênio (orgs.) (1970). *The Structuralist Controversy – The Languages of Criticism and the Sciences of Man*. Baltimore: Maryland: The Johns Hopkins University Press.
- MADEIRA, Maria Angélica; MOTTA SANTOS, Mariza Veloso (1999). *Leituras Brasileiras – itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra.
- MEDINA, A. Rodrigues *et alii* (1979). *Antologia da Literatura Brasileira: textos comentados*, vol. 1. São Paulo: Marco editorial.
- MIESZKOWSKI, Jan (s./d.). “Derrida, Hegel, and the language of finitude”. In: Norradoni, G. (org.), *Philosophy in a time of terror: dialogues with Jurgen Habermas and Jacques Derrida*. Chicago: University of Chicago Press.
- MOUNIN, Georges (1975). *Os Problemas Teóricos da Tradução*. Tradução Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Editora Cultrix, São Paulo.
- NOBRE, Marcos (1999). “A Filosofia da Usp sob a ditadura military”. In: *Novos Estudos*, nº 53, março, Cebrap, São Paulo, pp. 137-150.

- OTTONI, Paulo (2005). *Tradução Manifesta – double bind & acontecimento*. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Edusp.
- PEIXOTO, Fernanda (s./d.). “Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo”. Versão disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
- PEREIRA NETO, André de Faria (1998). “Foucault, Derrida, e a história da loucura: notas sobre uma polêmica”. In: *Cad. Saúde Pública*, julho/setembro, vol.14, nº 3, pp. 367-641.
- PEÑALVER, Patricio (2000). “Dos heterologías. El pensamiento sin el ser en Lévinas y en Derrida”. In: *Argumentos de alteridad. La hipérbole metafísica de Emmanuel Lévinas*. Madri: Caparrós Editores, pp. 195-215.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.) (2004b). *Do Positivismo à desconstrução – idéias francesas na América*. São Paulo: Edusp.
- PIETZSCHKE, Fritz; WIMMER, Franz (1994). *Novo Michaelis Dicionário Ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 9ª edição.
- PRENOWITZ, E. (1996). “Translator’s Note – Right on [à mème]”. In: *Archive Fever – A Freudian Impression*. Chicago: The University of Chicago Press, pp.104-111.
- ROSA, António Ramos (1968). “A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. In: Coelho, E. P. (org.), *Estruturalismo – antologia de textos teóricos*. Lisboa: Portugália Editora, pp. 101-123.
- _____. (1980). “A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. In: *Estruturalismo – Antologia de Textos Teóricos*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- SANTIAGO, Silviano (1973). “Desconstrução e descentramento”. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, janeiro – março, pp. 76-97.
- _____. (1976). *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- _____. (2000). *Uma Literatura nos trópicos – ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2ª edição.
- SCHWARZ, Roberto (1998). “Um Seminário de Marx”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 50, março, pp. 99-114.
- SORÁ, Gustavo (s./d.). “Resenha de Destinos Mistos. Os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940 – 1968), de Heloísa Pontes. Companhia das Letras, São Paulo, 1998”. Versão eletrônica disponível em www.scielo.br/pdf/mana/v5n2a14.pdf.
- SPIVAK, G. (1997). “Translator’s Preface”. In: Derrida, J., *Of Grammatology*, p. ix-lxxxvii.
- STRAUSS, Claude-Lévi (1999). *Tristes Trópicos*. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras.
- TERRA, Ricardo R. (1992). “Atualidade de Schiller”. In: *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, nº 34, novembro, p. 230.
- VENUTI, Lawrence (1986). “A Invisibilidade do tradutor”. Tradução de Jorge Wanderley. In: *Palavra* 3, pp. 111-134.